



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

MEMÓRIAS DO OUVIR, DO CONTAR E DO LER

Renilda Rodrigues-Bastos

Resumo

A autora destas memórias afirma não ter dúvida de que as histórias sempre foram um chamado para o mundo das poéticas, das letras, do ofício de professora, porque acredita piamente que todo (a) professor(a) deva ser contador(a) de histórias. As narrativas chegaram até ela não como uma palavra qualquer, mas sim uma palavra afetiva, de vozes que preencheram a vida e fizeram o primeiro chamado para o que seria anos depois. As histórias talvez ali já abrissem um caminho para o que mais tarde se desenharia e a traria até aqui. Este artigo fala deste lugar.

Palavras-chave: Memória. História. Voz

Résumé

L'auteur de ces mémoires affirme n'avoir aucun doute sur le fait que les histoires ont toujours été un appel au monde de la poésie, des lettres et de l'office de professeur, car elle croit sincèrement que chaque enseignant doit être un conteur. . Les récits ne lui parvenaient pas comme un mot, mais comme un mot affectif, des voix qui remplissaient la vie et appelaient pour la première fois des années plus tard. Les histoires ont peut-être ouvert la voie à ce qui sera dessiné plus tard et amené ici. Cet article parle de cet endroit.

Mots-clés: Mémoire. Histoire Voix

Histórias da Infância

O rio tem sua corrente, velocidade, recifes, redemoinhos e outros obstáculos que não podemos controlar, mas contamos com um remo para dirigir a embarcação sobre a água (Isabel Allende).

A lembrança mais longínqua que tenho de palavras que compartilhei, aquelas que passaram duas vezes pelo meu coração, veio para mim pela memória de minha irmã mais velha. Ela conta que quando eu tinha mais ou menos quatro anos declamava poemas:

Os adultos pediam que tu recitasses versos, não lembro quem te ensinou, só me lembro de ti, muito pequenina, declamando poemas em cima de uma cadeira, ou da mesa e, todo mundo olhando admirado, porque eras muito engraçada, levada da breca, no fim da recitação, todo mundo ria porque tu cobravas, colocavas a mãozinha e dizias: “dois vintinhos!” Não sei o porquê dois vintinhos. Isto ocorria mais quando vínhamos à Belém e ficávamos hospedadas na casa de nossa tia Cristina, irmã de nossa mãe, que morava na Cidade Velha. Sempre vínhamos a Belém com nossa mãe para tratamento de saúde ou apenas visitar a família dela. Nossos primos, filhos dessa nossa tia, eram mais velhos, que mamãe porque ela era filha temporã, te pagavam e iam comprar bombom, não tinhas nem cinco anos, eras muito engraçada e decoravas tudo, me lembro muito da gente quando crianças, sou mais velha só três anos, mas lembro. Vivíamos as voltas com a leitura, ouvíamos rádio e copiávamos as músicas num caderno, vivíamos em Curuçá, tempo não nos faltava para ler, ouvir histórias, rádio e brincar em nosso imenso quintal, lembro de ti corando a nossa senhora, soltando a voz na igreja, toda de branco, de quando eras a baliza da banda, e do anjo da Verônica, na Semana Santa, ocasião em que cantavas em latim, eu era tímida, mas admirava o teu jeito de participar de tudo que eras convidada, a mamãe preparava as roupas, as asas, as sandálias (...) quando era o anjo Gabriel da Pastorinha da Igreja de Nossa

Senhora do Rosário, ou seja, estavas sempre envolvida com algo que se relacionava com as palavras cantadas ou recitadas (...). “E os versos?”. Os versos eram estes:

“A morte é feia,
dela ninguém escapa,
nem o rei, nem o príncipe, nem o papa
Mas eu escaparei:
Compro uma panela
meto-me dentro dela
e tampo muito bem
A morte passa:
E diz: aqui não tem ninguém!”

(poema da memória de Ronilda Salles, minha irmã, 64 anos)

Não lembrava dessa história dos começos, assim como nunca descobri o autor desses versos, não me lembrava disso, bem como não lembrava que líamos livros proibidos. Um dia desses, eu e minha irmã conversando, ela lembrou desse meu início com as palavras e nos lembramos que apanhamos com o livro *O Crime do Padre Amaro*, que líamos escondido da mamãe. Quando mamãe descobriu, bateu com o livro na gente, lembramos e rimos porque minha irmã tinha 10 anos e eu 7 anos. O livro estava escondido debaixo do colchão da cama, bem como outros proibidos para crianças, tentamos sorte com *Anna Karenina* que também estava lá, mas ficamos com medo da mamãe descobrir. Bem mais tarde, lemos os dois volumes e conversamos sobre esses livros que sempre fizeram parte de nossas leituras, mamãe gostava de autores russos.

Minha irmã ama ler desde sempre, não gosta de tv nem de redes sociais, sendo assim, tem muito mais tempo para suas leituras.

Como todos nós, ela lembra de muitas histórias de leituras de quando éramos crianças e morávamos em Curuçá. Foi por causa de suas lembranças que tive acesso aos primeiros versos que compartilhei com outras pessoas. Um encontro muito bonito para mim com a memória dela. Ela que sempre foi uma pessoa tão concentrada e silenciosa, talvez, por isso, ela lembre de tantas histórias de nossa infância no enorme sítio Santa Helena e depois no casarão da Ponta D'água, na Rua do Rosário em Curuçá, e das histórias das visagens que conviviam conosco, e que só ela via. Nesse sentido, permito-me retroceder para buscar na memória que essa casa da nossa infância era enorme, os móveis eram marrons e grandes, relógio de parede enorme, de corda e muito bonito. Uma enorme sala, uma alcova, quartos e cozinha, além de um quintal que dava de uma rua para a outra, repleto de árvores cheias de frutas. Nunca entendi porque tinha alcova e que diabo significava isso? Só sei que meus pais dormiam nela.

Foi nesse casarão que vivi uma história que marcou negativamente a minha infância, isto tem a ver com o falecimento de meu avô paterno, que foi velado em nossa sala, o casarão era dele, mas quem morava éramos eu, meus irmãos e meus pais. No velório tinha gente por todos os lados. Gente comendo, bebendo, chorando, rindo das histórias que alguns contavam. Eu, com seis anos e meio, no meio daquele povo, pois meu avô era um homem muito conhecido e respeitado socialmente, dormi com medo, mas, como tinha gente à noite, fiquei despreocupada ainda que estivesse

extremamente triste, amava o meu avô. Quando foi umas dez horas do outro dia, antes de sair o enterro, chamaram a família para se despedir, quando chegou a vez dos netos, fizeram a escadinha por ordem do nascimento dos netos, eu era uma das últimas, então eu me escondi dentro do enorme guarda roupa e ninguém me achou, no entanto, eu, na alcova dentro do guarda roupa, ouvia me chamarem para me despedir de meu avô Rodrigo, não apareci de tanto medo que fiquei. Até hoje minha prima mais velha, Irene, conta essa história. Nunca superei, jamais me aproximei de qualquer pessoa morta, nem dos meus pais quando partiram. Todos sabem desse trauma que ficou em mim que nem com terapia eu consigo resolver.

Lembro-me das pessoas contando histórias de meu avô. Antigamente era assim, Walter Benjamin, em *O narrador* (1994) nos diz que a modernidade, higienizaria as casas da morte, por isso as histórias de quem parte não são mais contadas, enquanto o corpo de quem falece se despede da casa, como por exemplo, ocorreu no velório de meu avô. Benjamin não deixa de ter razão, porém no interior ainda há um suspiro desse tipo de narrativa.

É claro que na modernidade, com o desenvolvimento do capitalismo e das mudanças vigorosas das condições de vida, das informações rápidas e esquecidas, talvez esse narrador para o qual Benjamin escreveu no tão famoso ensaio, esse se transformou, mas lembro que muitas histórias, que fazem parte de meu repertório, foram aprendidas por meio dos

contadores tradicionais, outras lidas em coletâneas.

Da voz

Por exemplo, minha irmã acha que quem me ensinou os versos supracitados foi a Tia Maria uma das contadoras de história das melhores que conheci em toda minha vida, era nossa tia por parte da família paterna, esposa do irmão mais velho de papai, esse tio faleceu muito cedo, mas nos deixou o tesouro que era nossa tia Maria, se não a melhor contadora de histórias, era a mais sábia. Eram muitas histórias, lendas, cantigas, mitos, adivinhações, romances, quadras de versos... que fizeram e fazem parte da minha vida desde que me entendo por gente:

Melão, melão, sabiá
é de laranjeira, sabiá
morena bonita, sabiá
namoradeira, sabiá.

Sete e sete são quatorze, sabiá
Com mais sete vinte e um, sabiá
Tenho sete namorados, sabiá
Não me caso com nenhum, sabiá
(...)
Melão, melão, sabiá

Tia Maria me ensinou muitas quadras de versos, a partir do refrão. As palavras vinham de três fontes: duas da voz e uma da letra. Toda noite da minha infância, me sentava na calçada da casa da tia Maria, em Curuçá, e toda noite ela sentava na porta e contava histórias para os sobrinhos e as crianças da vizinhança. Seus filhos já haviam crescido e procurado outrosinhos. Dela vinha a voz dos Contos de Fadas, do Fogo Fátuo, das Visagens, da Matinta, do

Boto, da Menina que bateu na mãe... Além de cantar muitas Cantigas de Roda. Ela sabia todos os contos de fadas que mais tarde descobri nos livros de Perrault, dos Grimm, de Andersen, de Figueiredo Pimentel e de Monteiro Lobato, repertórios que foram estudados num mergulho profundo na dissertação de mestrado e, nesse estudo, conto um pouco da história da tia Maria.

Se ela não fosse semianalfabeta (da letra), diria que ela tinha lido todos os livros de histórias disponíveis de seu tempo. Estudei no mestrado as *matrizes impressas do oral*, então compreendi como foi o processo dela com as histórias e sua memória. Pois aprendi com Paul Zumthor e com Jerusa Pires Ferreira que quando estamos diante de um texto oral precisamos desconfiar se ele veio ou não da letra, porque no fenômeno da memória a letra e a voz se coadunam e se reatualizam, porém, esta, é uma história muito comprida, e que um texto que pensamos ser da voz, na verdade vem da letra.

Outra fonte da palavra fundadora veio de meu pai, grande contador de história e um mentiroso de marca maior, porque dizia que as histórias ele tinha inventado para aquietar a gente. Dizia que tudo que contava tinha acontecido com ele ou com algum conhecido. No dia em que descobri que não era verdade, ao ler as histórias em antologias de contos, fiquei muito aborrecida com ele, principalmente por causa da história dos *Três Cachorros: Ouve Longe, Rompe Mato e Quebra Ferro*.

Jantávamos cedo e papai fazia mingau para tomarmos antes de dormir, para todos nós,

colocava milimetricamente a porção para todos os filhos e filhas nas canecas de louça, após esse mingau nos preparávamos para ouvir suas histórias, alguns dormiam logo, outros como eu (que nunca gostei muito de dormir) pedia: “conta mais”. De vez em quando a mamãe brincava que ele estava inventando. Mas, ele assegurava que tinha realmente ocorrido e nós acreditávamos de tão bom contador que ele era. Se fosse de visagem todos iam tomar água juntos, se encaminhavam juntos para o quarto com medo e eu lembro que dizia: “mana, mano não fechem os olhos antes de mim, só quando eu dormir.”.

No interior o medo era bem maior, principalmente porque cedo a energia era desligada e as casas ficavam com luzes de candeeiros, lamparinas e em casa tinha uns enormes luzeiros chamados de *petromax*. Nesse clima, numa casa agora menor e com um pai deitado na rede, uns dois filhos com ele e os outros acomodados na cama ou mesmo numa rede onde cabiam mais uns dois, ele contava histórias, que já havia corrido de Matinta Perera quando era rapaz e ia a caminho do sítio Santa Helena de sua família, no interior do interior, ele era personagem de tantas narrativas, ou no mínimo conhecia o personagem principal da narrativa. Lembro-me de uma história que era bem comprida e que nós amávamos ouvir nosso pai contar, na verdade estou tentando escrever as sequências narrativas de memória:

Um pai adoeceu muito e ele tinha dois filhos, essas crianças tinham por nome José e Joana, os dois faziam os trabalhos da casa e tiravam lenha, enquanto o pai ia caçar. Quando eles estavam

mocinhos, o pai adoeceu e por isso ele chamou os filhos e disse:

- Meus filhos eu vou embora deste mundo, eu deixo pra vocês só esta casa, esta terra e duas vaquinhas magras, não vão brigar por conta desta pequena herança. Quando chegar a hora vocês escolhem ficar com o que quiserem e entrar em acordo.

Depois de um tempo, o pai deles morreu e dos dois irmãos quiseram dividir o que o pai tinha deixado. A menina quis ficar com a casa e o menino com as vacas e o pedaço de terra. Mas, quando cresceu um pouco, o rapaz pegou as duas vacas e foi correr terra para tentar fazer fortuna. Ao se despedir a irmã disse a ele: “se tu precisar podes voltar e morar aqui comigo”. O menino respondeu: “ tá bom. Mas se eu tiver sorte eu venho te buscar pra morar comigo”.

Então, se despediram, e o menino partiu. Passado algum tempo e nada do menino, José estava à procura da fortuna. Cansado de procurar o rapaz se sentou embaixo de uma árvore muito frondosa. Quando estava pensando em sua vida, chegou um velho com três enormes cachorros que se aproximou dele. O velho disse para João: “Bom dia, que tu fazes aí? Tão novo e já tão cansado”.

Olhou para as vaquinhas de José, magrinhas de tanto correr terra com ele, e propôs um negócio: “Meu rapaz, eu troco meus cachorros pelas tuas vacas”. José respondeu que não ia fazer isso, pois as vacas davam leite e os cachorros só iam fazer companhia.

O velho disse que José estava enganado porque seus cachorros eram diferentes, encantados e que eles se chamavam: “Rompe Mato, Quebra Ferro e Ouve Longe”. O velho convenceu José que seus cachorros seriam de grande valia para ele, para sua vida e, além de tudo, os cachorros eram calmos e bem mandados. José concordou finalmente e trocou suas vacas pelos cachorros. Antes do velho ir embora, José perguntou para o velho porque ele queria tanto se livrar dos cachorros já que eles tão maravilhosos e encantados. O velho respondeu que estava muito velho e que os cachorros corriam às vezes em várias direções e ele não dava mais conta. Como José era novo poderia dar conta deles.

O velho foi embora com as vacas e deixou José matutando sobre os cachorros. Depois resolveu se por a caminho com os novos companheiros. Quando de repente viu algo parecido com um

enterro, e um tipo de carruagem e de dentro vinha um choro bem sofrido. O rapaz ficou curioso e ao levantar a cortina da carruagem, viu uma moça que chorava muito, então o rapaz quis saber o motivo. Foi então que o homem que conduzia o transporte disse: “tu não sabes que aqui perto tem um monstro terrível que para ficar calmo e não comer todo mundo, uma moça é levada para ele. Assim, ele deixa a reino em paz por um tempo, desta vez será esta moça que está em prantos”.

José resolveu seguir o cortejo com seus cachorros, foi indo até chegar ao local cheio de árvores tão tenebrosas onde a moça seria dada ao monstro. José pensou: “bom, esses cachorros são encantados então eles podem ajudar essa moça”. Foi que ele gritou: “Rompe Mato vai até a caverna desse monstro e estraçalha ele até os ossos”. O cachorro sumiu por entre as árvores e voltou vitorioso da luta com o monstro.

A moça feliz sorriu e disse para José: “Por favor, vá até o meu reino, pois sou uma princesa e meu pai vai querer lhe presentear com algo por causa do que fez por mim”. O rapaz disse que passaria três anos depois. Depois que José se foi, o cocheiro disse para moça que dissesse ao seu pai que ele teria matado o monstro. Ela falou que não iria mentir para o pai.

José queria conhecer o mundo, além do mais, ele era pobre e a moça era uma princesa, José só passaria se fizesse fortuna. O homem que ia levar a princesa ao monstro disse para a moça que se ela não dissesse para o pai dela que foi ele que teria matado o monstro, ele mataria a moça. Sem saber o que fazer, a moça disse ao seu pai que o homem matou o monstro e, por isso, ela teria que se casar com ele. Mas a moça conseguia sempre ganhar tempo e inventava uma porção de mentiras para retardar o casamento.

Chegou o tempo de casar e não havia mais como enganar o noivo e o pai. De tão triste a moça chorava o tempo todo e o pai dela disse que achava estranho, uma pessoa que ia casar chorar tanto, de tanta felicidade e que achava que ela exagerava nos sentimentos. Deixa estar que José estava pobre e voltando pelo mesmo lugar. Voltando pra casa de sua irmã Joana, viu um pessoal numa calçada, ele então perguntou: “que está acontecendo? Que alvoroço é esse?”. Um senhor respondeu o seguinte: “hoje a princesa, que foi salva do monstro, que

atormetava este reino, vai casar com o homem que lhe salvou a sua vida. Isso faz três anos”.

José ficou impressionado e disse: “quem matou aquele monstro fui eu”. Aí o homem repreendeu José porque ele estava metido e chamando de mentiroso o noivo da princesa. Mas José insistia em dizer que o homem era realmente um mentiroso. Por isso, ele foi preso porque além de mentir estaria ofendendo a honra do noivo da princesa. Então ele foi colocado numa prisão terrível.

O rapaz cheio de ferro nos pés, atrás das grades ficou bastante furioso. Foi então que ele chamou: “Quebra-Ferro venha em minha valia”. No mesmo momento, o cachorro chega e começa a romper os ferros com os dentes, e assim soltou José que junto com os seus cachorros fugiu do lugar. No entanto, antes resolveu impedir o casamento da moça e fez seu cachorro Rompe Mato lambear a mão da moça que estava no palácio triste porque estava pra casar com um mentiroso que ameaça sua vida.

A princesa pediu que trouxessem o dono do cachorro ao palácio para seu pai conhecer, o rei perguntou: “mas o que significa esse rapaz com estes cachorros?”. De repente, surge o cocheiro fulo da vida, e quando ele ia impedir o rapaz de entrar no palácio Ouve Longe fez ele parar de tanto medo.

Assim, o rei soube da história da morte do monstro e a moça conseguiu casar com José que salvou todos com seus cachorros encantados. Todos foram convidados e, Joana, irmã de José, que tinha se tornado, uma bela mulher se casou com um rapaz que ela conheceu no casamento de José, e todos foram felizes para sempre.

Era mais ou menos assim a versão que nosso pai nos contava, uma das preferidas que já deve estar extremamente contaminada com outros textos-versões dessa história lidas por mim no decorrer da vida.

Quando comecei a estudar Poéticas Oraís para a dissertação de mestrado, descobri muitas versões dos Três Cachorros que fazem parte do estudo de Anti-Arne e Thompson (Arne-Thompson), uma tipografia que traz os motivos de contos e os ciclos de narrativas que

serviu de modelo para outros estudiosos inclusive a Câmara Cascudo em seus Contos Tradicionais do Brasil (1985), bem como ao Robert Darnton (1986) em seu estudo histórico que faz parte do seu livro O Grande Massacre de Gatos.

Da letra

A terceira voz, não menos importante, veio da letra, das leituras de minha mãe que era grande leitora, foi por causa dela que as histórias sagradas sempre me chamaram atenção, lembro-me do livro cheio de gravuras em preto e branco, que ela lia algumas páginas para nós, ou pedia que lêssemos. E outros tantos livros que ela lia e fazia-nos ler em voz alta, assim que aprendemos a ler. Minha mãe tinha muitos filhos e quando todos estavam muitos levados da breca, correndo, gritando... ela mandava sentar e ler. Ninguém ficou traumatizado, todos os filhos gostam de ler. A história de leitura de minha mãe é tão comprida que daria uma tese sobre leitura. Minha mãe comprava livros quando vinha em Belém, além do que nossas tias professoras emprestavam e líamos sem fazer muito essa divisão de adulto e criança.

As palavras encantadas continuaram a fazer parte da minha vida na escola. Tenho lembranças muito gostosas de minha professora da segunda série primária (professora Verazinha que gostava de ler histórias e fazer-nos ler em sala de aula, líamos alto para toda a sala ouvir). Foi dela que ganhei o primeiro livro de alguém que não de minha família, por ter

sido, naquele ano, a aluna em primeiro lugar da turma, era um livro de contos de fadas. Essa professora uma vez contou para minha mãe que estava preocupada comigo porque eu inventava histórias demais na sala de aula, o problema não eram as histórias, era o fato delas todas se passarem no Rio de Janeiro e ela sabia que eu nunca havia estado no Rio, ou seja, era uma boa mentirosa, então ela foi conversar com a minha mãe sobre as minhas “mentiras”.

Foi assim que minha mãe soube que, na verdade, eu contava o que ouvia nas cartas que a irmã da mamãe que, morava no Rio, mandava para ela. Chegava sempre, pelo correio, uma caixa cheia de livros, gibis, revistas, papéis de cartas, cadernos e uma enorme carta, com muitas laudas que minha mãe lia para todos os filhos e, às vezes, para o papai.

Eu decorava as cartas e transformava em histórias que contava na sala para meus colegas e professora. Minha mãe deixou de ler em voz alta as cartas. Sempre tive uma pontinha de tristeza de minha mãe não ter conhecido essa irmã, pois, como era temporã, quando minha mãe nasceu sua irmã já havia casado e ido morar no Rio, porque o seu marido era da Marinha Mercante. Porém, eram tão amigas que parecia que viviam juntas só pelas palavras, cartas para lá e para cá e por causa dessa tia é que tínhamos muitos livros. Eu a conheci e percebi que era uma mulher muito interessante. Seus filhos tinham mais ou menos a idade de minha mãe, eram professores universitários. Minha tia foi responsável, em parte, por gostarmos, todos, de ler. Meu irmão mais novo pegava os gibis e começava os seus

primeiros traços. Ficávamos muito felizes quando a caixa chegava e dentro dela, um mundo de histórias.

Na terceira e na quarta séries, minhas professoras eram, por coincidência, minhas tias, professoras primárias. Tereza e Orlanda que tinham estantes cheias de livros e como ia muito à casa delas tinha acesso aos livros, eu, os meus irmãos e primos, vai ver é, por isso, que somos tantos professores de Letras. Minhas tias eram consideradas excelentes professoras, uma das escolas de Curuçá é Orlanda Rodrigues Guimarães.

Conto esse pedacinho de minhas histórias com as palavras porque houve sim um começo lúdico de minha vivência com a palavra, com as histórias e, com certeza, com o fato de tão cedo ter escolhido ser professora. Minhas memórias de leituras tudo têm a ver com encaminhamentos que fui dando à minha trajetória profissional.

Da criança encantada com as histórias, com os romances cantados, com as quadras de versos, com a poesia das palavras, com o cordel, com as adivinhas, parlendas...tudo isso me enredou de tal forma que tenho certeza não seria assim minha trajetória se não tivesse tido essa vivência na infância, hoje entendo melhor minhas escolhas e sei que não foi à toa que escolhi ser professora primária e trabalhar com as crianças numa época em que as histórias faziam parte das atividades cotidianas, com objetivos didáticos.

A professora e as crianças: o que fazer?

Nessa época, não havia uma preocupação maior com a dimensão estética da palavra. Eu, porém, já tinha vivenciado tanto a palavra poética, já amava literatura e havia sido aluna do professor Francisco Paulo Mendes, do professor Isaac Dias Gomes no IEEP (Instituto de Educação do Estado do Pará) que amavam a Literatura e os poetas, esses professores me apresentaram muito do que viria mais tarde estudar e aprofundar no curso de Letras. Um caminho que salvava as histórias apenas dos pretextos, ou trabalhar os poemas ou a prosa com intuito de perceber a gramática.

Passei no concurso para ser professora primária e vinha como já foi citado, com uma bagagem literária da voz da letra, da formação de professora, mas, isso não impediu, de no dia em que tomei posse do cargo e conheci a turma do primeiro ano, na escola conveniada Jesus de Nazaré, o choro compulsivo do desespero que senti, não sabia o que fazer com 40 crianças. Acalmei meu coração e comecei a contar história para elas. Foi assim que comecei minha carreira de professora. Depois de um tempo fui para Escola Hilda Vieira que na época era uma senhora escola de excelência no Estado e o professor Hilton Silva (meu companheiro da vida), que era professor da referida escola, me levou junto. Passados uns dois anos pedi para ir trabalhar mais perto de casa e então fui ser professora da pré-escola no Casulo são Judas Tadeu, na Condor.

Na época em que era da Pré-Escola, tinha uma parceira da SEDUC (Secretaria de

Estado de Educação), era a professora Osmarina Gherardt, uma arte-educadora que contava histórias, sua performance era lúdica, e sem tantos trejeitos, simples e linda, ela e as histórias! Fazia com voz o que queria com os ouvintes, era incrível como contadora de histórias. Foi realmente a primeira pessoa que ia de escola em escola comigo quando éramos da equipe técnica da SEDUC nos idos anos 80.

Na década de 80, bem no início, os livros eram praticamente manuais de como contar histórias, fórmulas que eu e Gherardt não gostávamos, então nos reuníamos e líamos coletâneas de textos de vários países e contávamos para nossos alunos e alunas da Pré-Escola. O sucesso com as crianças era tanto, que nos tiraram da sala de aula para socializarmos esse nosso trabalho em outras escolas e então vieram os treinamentos em serviço, oficinas para nossas colegas do Pré-Escolar, aqui em Belém e outros municípios, bem como a SEDUC nos mandava fazer cursos em outros estados. Parece que, nesse sentido, tivemos sorte de estar numa equipe que se importava com a formação de seus professores-técnicos.

A coordenação da pré-escola da SEDUC nos convidou para fazermos parte da equipe técnica, onde ficamos até no início dos anos 90 quando fui para a UEPA e a Gherardt foi depois para o NPI onde desenvolveu sua carreira e eu fiquei na SEDUC e na UEPA. Após o término da graduação fui para o ensino fundamental e médio ministrar aulas de Língua Portuguesa. Ou seja, continuei contando

histórias para meus alunos e alunas que me amavam ver declamando poemas em sala, alunos de outras salas vinham “brecar” minhas aulas porque eu gostava de poesia.

Nunca gostei de livros didáticos, por isso eu, meus alunos e alunas recortávamos os poemas que vinham nos livros didáticos, algumas gravuras legais e fazíamos lindos cartazes, tinha gente que me achava louca porque cortava os livros. Nunca “pilotei” livro didático, porém não posso negar que a maioria das vezes eram os únicos tipos de livros que os estudantes tinham em mãos. Fizemos muitos trabalhos poéticos com recortes que fazíamos deles.

No começo de meu trabalho como professora na Pré-Escola me rebelava muito com as supervisoras, porque fazia da hora do conto uma atividade muito importante para nós e para as crianças, algumas que passaram por mim achavam perda de tempo, talvez por nossas rebeliões solitárias eu e Gerard tenhamos nos unido para pensar um trabalho artístico com teatro e poesia. Começamos a procurar livros importantes, que já traziam certa preocupação lúdica, estética, porque nessa época contar história estava sim relacionada à aprendizagem das crianças, principalmente, as do pré-escolar. Parecia que quando passavam para a primeira a quarta séries elas, as crianças, não precisassem mais de histórias. Sem esquecer que na época já tinha arrefecido a voz dos pais nas casas, a televisão já tomava o tempo das histórias. A escola era, talvez, o único lugar onde havia uma voz poética, se a professora tivesse essa preocupação.

Lembro-me de algo que não poderia faltar nestas minhas memórias com os textos poéticos. Trata-se de ter sido aluna de vários professores que trabalhavam literatura de forma lúdica mesmo, ainda que estudássemos muita análise, crítica e teoria. Uma professora que segui desde que com ela tive aulas foi a profa. Maria Lúcia Medeiros, que foi minha professora de Literatura Infanto-juvenil e que me levou para o caminho dos textos produzidos para a infância de forma mais crítica. Fiz meu TCC com ela, por seu incentivo continuei estudando Literatura Infanto-juvenil na Pós-Graduação, além de ter estudado os Contos de Fadas e sua relação com as *matrizes impressas do oral* no mestrado, ele foi a culpada. Quem mandou ser maravilhosa!. Sem esquecer que eu li muitas histórias na biblioteca particular de meus queridos professores Meirevaldo Paiva e Margarida Paiva. No mestrado curti muito a biblioteca de minha orientadora do mestrado Maria do Socorro Simões. Como agradeço ter tido essas pessoas na minha vida, além de tantos outros professores e professoras que no decorrer da vida passaram pelo meu caminho. Fui privilegiada!

Narrar para curar

Em 1994 fui aprovada no mestrado de Letras–UFPA, Teoria Literária, fiquei de licença para estudo, no entanto no meio do mestrado fui apanhada de surpresa por dois problemas graves de doença, após um longo período de convalescência desses problemas, como se fosse um castigo, fui proibida de ler. E

aqui preciso dizer que duas alunas que orientei TCC, no curso Formação de professores, Lene e Patrícia, iam ler histórias para mim, bem como minha família. Fiquei de molho 1 ano e 11 meses. Fiquei curada e no mesmo ano defendi a dissertação e voltei a ministrar aulas no extinto curso de Formação de Professores da UEPA(Universidade do Estado do Pará) a disciplina FECH (Formas de Expressão e Comunicação Humana), na qual constava o conteúdo de Literatura Infanto-juvenil, então as histórias eram trabalhadas nas aulas, junto com outras formas de expressão. E por causa da disciplina FECH nasce o Griot em 1999, ano em que voltei, mais precisamente em agosto de 99 e numa atividade de memórias das histórias de leitura dos alunos e alunas que fiz para conhecê-los melhor. Enquanto ouvia as histórias da Rita, Aluísio, Dia, Núbia, Sheila, Léia tão interessantes em suas possibilidades do contar, fiquei em silêncio e o desenho da voz deles fazendo carinho em minhas memórias, fui para casa, pensando na possibilidade de criar um grupo de contadores de histórias, não aos moldes dos objetivos dos Contadores de Histórias Itinerantes, criado pela professora Socorro Simões e coordenado por mim na UFPA (Universidade Federal do Pará), mas parecido e, na aula seguinte, fiz o convite para alguns alunos e alunas que toparam fazer parte do projeto.

Começamos o trabalho de oficinas de memórias, estudos, repertório, assim fizemos um semestre para começarmos a apresentar, nasceu o projeto de Extensão Contadores de Histórias da UEPA, que depois foi batizado de

Griot pela professora Josebel Akel Fares companheira de muitas histórias e de muitas viagens.

Dois grupos de Contadores de Histórias: Itinerantes e Griot

Nasceram no seio da Universidade como já foi mencionado, o Itinerantes fazia parte do Projeto IFNOPAP (Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense) e tinha como objetivo contar as histórias do repertório recolhido pelo IFNOPAP, fizemos muitas visitas às escolas, o projeto era de extensão contando histórias para crianças, foram botos, matintas, visagens e cia que levávamos para as escolas. Coordenava o grupo e foi um tempo de descobertas e aprendizagens. Fazia parte de um grupo nacional que estuda *Poéticas da Voz*, o mestrado me pedia estudos aprofundados nesse sentido e era tudo novo apesar de parecer velho, parecer que sabia algo, de parecer simples... Qual nada, tudo tão complexo, aprendia nas pesquisas e ensinava na prática das oficinas de preparação de voz e de repertório além de trabalhar teoricamente porque eram alunos de Letras e precisavam entender esse universo complexo da voz e da letra. Afinal não eram contadores de Histórias tradicionais que são natos, esses contadores eram aprendizes tanto quanto eu sempre fui.

Foram muitos sábados de trabalho, um trabalho gostoso que quando víamos já era hora de ir para casa com a memória cheia de histórias. No meio do caminho apareceu uma pedra, me retirei por muito tempo e os

Itinerantes continuaram o seu trabalho. E quando voltei criei o Griot que, no ano que vem, vai fazer 20 anos de poesia!

Contar histórias para formar leitores ou só contar histórias

Quando fiz o projeto Griot tinha uma preocupação enorme com a formação de leitores, era forte essa possibilidade da voz para a letra. O Griot continuou a receber alunos e alunas do Formação de Professores, foi a leva que trouxe Adrine, Cláudia, Paulo (in memoriam), Alessandra, Simone (Ronaldina) Ellen, Keydson (aluno do Curso de Religião)... ainda com este objetivo: ir para as escolas contar histórias em prosa e verso para chamar atenção para a leitura.

As pessoas se formaram, fizeram suas especializações e continuaram no Griot, até que eu passei no doutorado e não tive mais como coordenar o grupo que não acabou, mas cada qual fazia o seu trabalho de contador de histórias em suas salas, se juntavam em dupla, as histórias continuaram a fazer parte de suas vidas e da minha também (a minha com os narradores do Bairro Alto em Curuçá). Em 2010 defendi a tese e continuei meu trabalho, agora no curso de Letras.

No entanto, a saudade enorme também fazia parte do meu dia a dia de professora e, talvez, por isso em 2011, na volta do doutorado, continuei o trabalho do Griot com o objetivo, sem dúvida, apenas contar histórias e só. O compromisso com a palavra com os ouvintes e nosso amor pela poesia. Esta geração de Griot foi formada pelos alunos e alunas de

Letras, se a geração de 1999/2000 vinha de curso de Educação, a geração de 2011 vinha do Curso de Letras, assim chegaram: Andreza, Adriana, Jéssica, Larissa, Rodrigo, Caroline, Carla, Flor, Paloma, Edne, Paulo, Raquel, Mayara Cristine, Mayara Keline, Mara, Romário, Byron... Muitos trabalhos realizados em oficinas e idas a eventos, viagens.

Um dia, resolvemos juntar as gerações de Griots, os que quiseram e puderam. Dessa forma, continuamos aprendendo e ensinando contar histórias de preferência em versos, visto que é a forma poética que mais gostamos. Um aviso importante amamos a prosa, o verso, enfim amamos as histórias.

Para não terminar esta história

Atualmente, o Griot faz parte do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), coordenado pela professora Josebel Akel Fares, é um dos seus grupos e a maioria de seus membros, também, fazem parte do grupo de pesquisa Contadores de Histórias, que lidero dentro do Núcleo. Já está mais do que na hora de nossos estudos sobre o assunto, nossas práticas, nossas poéticas serem compartilhadas, e, é nesse sentido, que fiz este relato de memória. Nossos encontros, nossos desejos de levar a diante o trabalho com novas gerações continua sendo forte e agora com a experiência das pessoas que fazem o Griot continuar: Dia Favacho, Adrine Motley, Keydson Costa, Rodrigo joventino, Adriana Moraes, Paloma Costa, Andreza Alcolumbre, Rita Gomes, Simone Salgado, Cláudia Moscoso, Alessandra Dias, Carla Melo... são professores e as

histórias fazem parte de seu ofício, além de fazerem o Grupo Griot continuar sendo!!! Agradeço por tê-los encontrado pelo meu caminho. Que venham os 20 anos e mais Griots. E que as histórias sejam compartilhadas sempre.

Meus pais contaram histórias para os filhos e filhas até suas partidas para outro plano, bem com a tia Maria e nós contamos suas histórias para nossos filhos e filhas. Eu conto muitas histórias desde que minha neta nasceu, leio, conto e ouço histórias em muitos momentos e é pelas histórias que quero ser lembrada por ela. Já pensou se alguém perguntar à minha neta: quem contava histórias pra você? “Minha vó Renilda!”

Referências

ALLENDE, Isabel. A soma dos dias: memórias. Tradução Ernani Só. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Aarne, A., & Thompson, S. (1961). The types of the Folk-tale: A classification. In M. Poulain (Ed.), *Pour une sociologie de la lecture*. Paris: Cercle de la Librairie.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras Escolhidas). Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993 (vol. I).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**: folclore. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução: Sônia Coutinho - Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Conto e poesia popular**. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1991.

RODRIGUES-BASTOS, Renilda. **Itinerário poético**: do era uma vez ao agora. Dissertação de Mestrado. Letras- Teoria Literária. UFPA, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC - EDUC, 1997.

Renilda Rodrigues-Bastos -
renildabastos@hotmail.com
Doutora em Ciências Sociais – Área de Antropologia – UFPA. Professora Adjunto IV do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA). Coordenadora do Grupo de Contadores de histórias da UEPA – GRIOT (Extensão). Lider do Grupo de Pesquisa Contadores de Histórias –CUMA/CNPQ.